

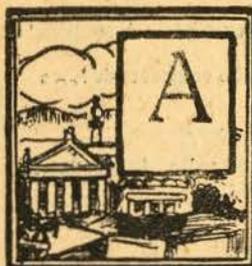


SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

AS PARTIDAS DA ROSINHA

POR MARIA DOS MILAGRES



Rosinha era uma menina de oito anos, muito bonita e boazinha mas também muito levadinha da breca. Gostava imenso de fazer partidas e, apesar de não ser má, não compreendia que nunca é bonito afligir as pessoas, divertindo-se muito com as caras assustadas daqueles que escolhia para vítimas das suas diabruras.

Vivia ela com os pais e com a avó, uma senhora já muito velhinha que a adorava, mas a quem Rosinha gostava muito de pregar sustos. Por mais que os pais a castigassem e lhe fizessem ver que devia respeitar a avó e evitar afligi-la, a Rosinha não tinha emenda. Prometia sempre não

tornar, pedia muitos perdões e ia continuando com as suas partidas.

Escondia-se, por exemplo, atrás das portas, esperava que a avó passasse e gritava-lhe de repente: *Pum!* Isto era continuamente e a pobre senhora assustava-se muito, fartando-se a nossa marota de rir.

Outras vezes escondia-se-lhe no quarto e dispunha o travesseiro e a colcha branca da cama, de forma a parecer um vulto deitado. A velhinha, quando entrava e via aquele fantasma branco, afligia-se e gritava muito. Vinham então os pais da Rosinha, vinha a criada, e todos se zangavam com a travessa garota, que ria, a perder, do susto que pregava à avó. Depois, abraçava-se muito a ela, fazendo-lhe festas e mostrando estar arrependida mas pensando já consigo numa nova partida para o dia seguinte.



Outras vezes, também, metia trapos molhados, escovas, até molhos de carneja, dentro das camas, para obrigar as pessoas, ao deitarem-se, a encolher os pés, de repente, assustadas.

Enfim, nem ralhos, nem castigos, conseguiam curar a Rosinha da sua mania de fazer partidas e os pais viam com desgosto a filha crescer, sem esperanças de mudar de feitio.

Um dia em que a mãe de Rosinha recebia umas visitas de cerimónia, a quem oferecia chá, lembrou-se ela de ir ao açucareiro e trocar o açúcar por sal fino. Está claro, foi enorme a careta que as pobres visitas fizeram, quando sentiram o chá salgado e a Rosinha ia morrendo a rir ao ver a mãe, que o tomava sem açúcar, insistir muito com as amigas para que se servissem de mais. Só depois das senhoras terem saído, a Rosinha contou à mãe, entre gargalhadas, o que fizera. Valeu-lhe esta maldade um par de tabefes e a ordem de ir, de castigo, para um canto mas a endiabrada, depois de ter chorado um bocadinho, já se ria sozinha ao lembrar-se da cara de aflição das visitas ao beberem o horrível chá.

Outra vez ainda, decidia Rosinha pregar uma enorme partida a pobre avó. Com uns pedacitos de gesso mole, fez umas bolinhas e atirou-as ao tecto. O gesso, que estava húmido, pegou-se ao estuque mas à medida que secava ia-se desfazendo. Quando secou completamente, caíram as bolinhas à volta da avó que fazia sossegadamente a sua soneca. Com o barulho que os pedaços de gesso faziam ao cair, acordou a velhinha muito assustada, ainda mais aflita



A EXTRAORDINARIA AVENTURA DO TÔNIO

POR LEONOR DE CAMPOS
(Continuado do número anterior)

— «Não chore, mãizinha, não chore!... Eu vou dizer à senhora de quem sou filho e verá que ela... parece tão boa!... — lhe há-de perdoar!...»

— «Não, não, filho!... De maneira alguma!... Não lhe digas nada!... Ela jurou-me: «nem que te visse morrer de fome, te daria uma esmola!...» Já vês que deves calar-te... Eu própria me calei sempre, diante do teu pai e nem a ti disse nada!...»

— «Mas, mãizinha... Era melhor...»

— «Vamos, filho. Não me contraries, Proibo-te que te dês a conhecer a essa senhora. E agora vai... Vai tratar da tua vida...»

O Tônio saiu. Mas, desta vez, nem lhe apetecia correr. O seu coraçãozinho de bom rapaz, todo se confrangia à ideia de que a mãe ficara a chorar...

Chegado a casa da modista, agarrou na caixa de chapéus que lhe entregaram e pôs-se a caminho do seu destino.

Quando bateu à porta de D. Eugénia, da madrinha de sua mãe, todo êle tremia, de comção. Mandaram-no entrar. E, enquanto a senhora experimentava os chapéus na cabeça, satisfeita com o Tônio e com a modista, o rapazinho, disfarçadamente, limpava algumas lágrimas teimosas, que lhe corriam pela cara. Entretanto, D. Eugénia dizia:

— «Es um rapaz esperto... Mereces uma recompensa... Como te chamas?»

— «Tônio... quero dizer... António!...»

E, sem poder conter-se mais tempo, desatou a soluçar... a soluçar.

D. Eugénia olhou-o, surpreendida!



— «Que tens tu, pequeno?»

— «É que... minha mãe... ficou lá em casa... a chorar...»

— «Porquê, meu rapazinho?»

— «Não posso... dizer... Ela... não quiere que eu diga... à senhora!...»

— soluçou o Tônio.

— «Não quiere que tu mo digas? Mas então... não compreendo!...»

— «É que ela conhece a senhora muito bem...»

— «Ah sim? E quem é tua mãe?»

— «Não posso dizer!... Ela não deixa!...»

Nesta altura, o coração de D. Eugénia deu um salto. Agarrou o Tônio pelos ombros e, fitando-o muito nos olhos, perguntou:

— «Es filho da Maria Eugénia?»

O Tônio fez um sinal afirmativo, com a cabeça.

— «Onde está tua mãe? E teu pai?»

— «O pai morreu, e a mãe está em casa...»

— «E tu és filho único?»

— «Sim, minha senhora!»

— «E vocês... ficaram sem meios quando morreu teu pai, não é assim?»

— «Sim. Somos muito pobres!... A mãe trabalha para um alfaiate!...»

— «Mas, então, porque é que tua mãe não me procurou?»

— «Diz que a senhora estava muito zangada com ela... e lhe disse... umas coisas...»

— «Que disparate!... Bom!... Vamos já acabar com essas tolices!...»

Maria: diz ao *chauffeur* que apronte o carro. E tu, Tônio, vais comigo...»

— «Ai não, não, minha senhora, que a minha mãe zanga-se comigo!... Ela tinha-me recomendado tanto que lhe não dissesse...»

— «Pchui!... Caluda!... O menino não tem que meter o bedelho onde não é chamado!...»

E D. Eugénia, cheia de alegria, vestiu um casaco, pôs um chapéu e, acompanhada de Tônio, que indicara a morada ao *chauffeur*, dirigiu-se para casa da afilhada.

Maria Eugénia, quando sentiu parar à sua porta um automóvel, ficou sem pinga de sangue.

— «Ai, meu Deus! — exclamou ela — querem ver que sucedeu alguma ao meu Tônio!...»

E, a cambalear, no terror de alguma desgraça, foi abrir. Mas, ao deparar com o filho são e salvo e D. Eugénia ao lado, teve que encostar-se à parede, para não cair.

— «Maria Eugénia, minha querida!...» — exclamou a senhora, abrindo-lhe os braços.

Pouco depois, tudo se perdoava e esclarecia. D. Eugénia tinha, realmente, preferido a frase que a afilhada fixara e tanto a ofendera, num momento de desespero, quando se convenceu de que ela, indiferente aos seus conselhos e às suas súplicas, teimava em casar.

Maria Eugénia, melindrada, estivera muito tempo sem dar sinal de si. Mas um dia, arrependida do seu silêncio, tanto mais que a madrinha fóra para ela mãe extremosíssima, procurara-a em casa. Bateu, bateu mas ninguém respondeu.

Perguntou, então, a uma vizinha por D. Eugénia.

— «Essa senhora foi para a Africa...»

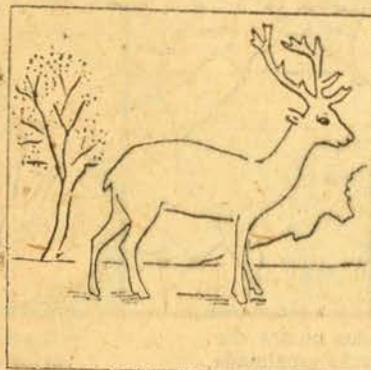
— «E demora-se?» — perguntara Maria Eugénia.

— «Acho que sim!... Parece que tenciona ficar por lá durante alguns anos...»

— «E para que ponto foi, sabe?»

(C o n t i n u a n o p r ó x i m o n ú m e r o)

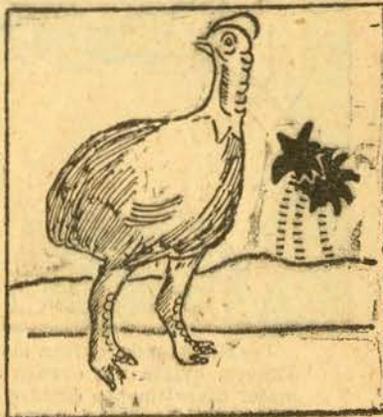
CONCURSO dos BICHOS



Por absoluta falta de espaço, não nos foi possível publicar, no número passado, a nova série de gravuras complementares do nosso interessante concurso, o que fazemos hoje e prosseguiremos nos números imediatos, até à sua conclusão, que deverá ser nos fins do mês de Abril. Vão, pois, pacientemente, coleccionando a reprodução das gravuras e colando-as nas respectivas cadernetas, ao gosto de cada concorrente, sendo apenas indispensável a designação do bicho representado, o nome e a morada do coleccionador.

Os meninos concorrentes, dotados de mais habilidade, poderão colorir os desenhos, dando assim um aspecto mais artístico à respectiva caderneta.

Chamamos, a propósito, a atenção dos nossos amiguinhos para a carta hieroglífica que publicamos noutra página e que se relaciona com o nosso concurso, embora dele não faça parte.



CHARADAS PARA OS MENINOS COLORIREM

COMBINADAS

- + ma = leito *ca*
- + ta = parente *na*
- + co = pau de bilhar. *la*

(Utensílio de escrita)

- + a = banheira *tu*
- + ma = casmurrice *bu*
- + la = ave. *ro*

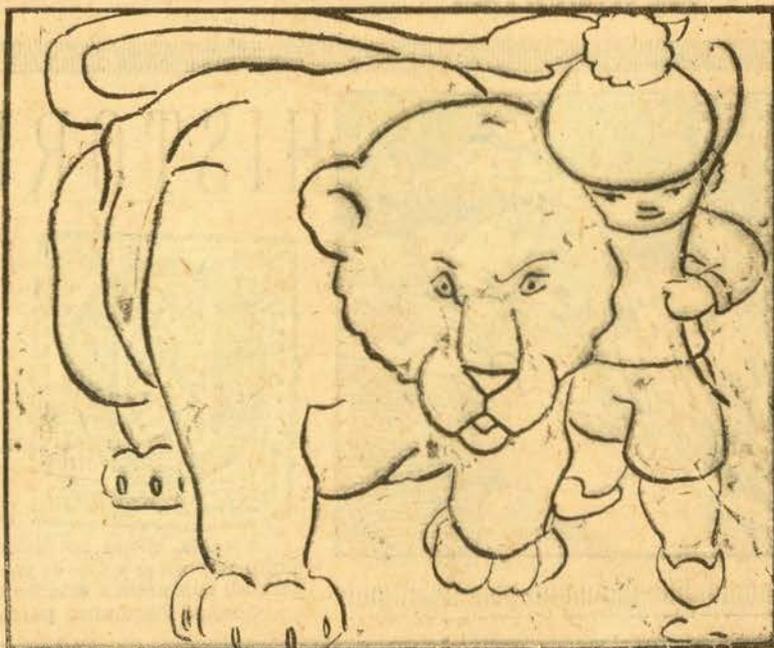
(Utensílio de escrita)

- + la = enfeite *bor*
- + mo = bouquet *ra*
- + lê = agazalho. *sta*

(Utensílio de escrita)

CHARADAS EM FRASE

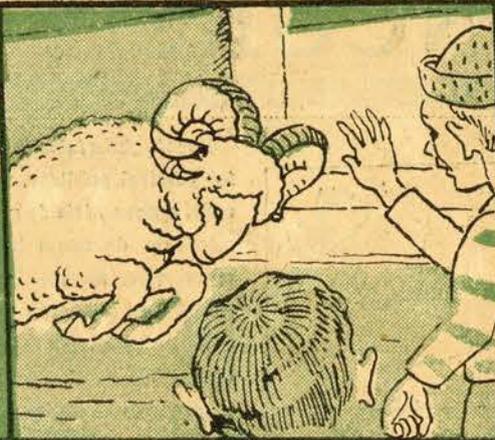
- 1) Borrija, aparentando mágoa, este recipiente de água.—2-1
- 2) Faz o seu leito na selva esta fera, que é um lindo animal.—2-2
- 3) A minha prezada amiga foi à Madeira e comeu lá este peixe.—2-1
- 4) Este homem, bebendo este líquido gázo, mostra-se esperto.—1-1



UMA NOVA PARTIDA DO CHICO E TONECA



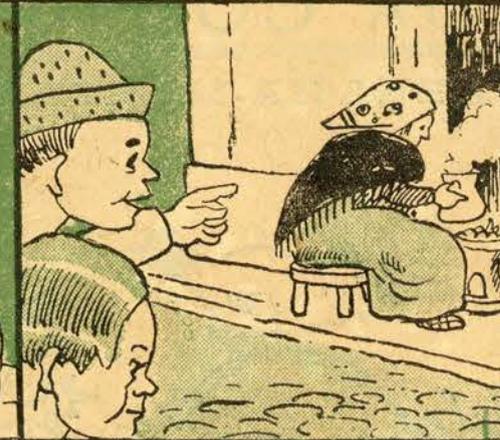
1—Na grande quinta do papá do Toneca, existe um carneiro que é o maior divertimento deste e do Chico, pois com ele fazem verdadeiras toiradas.



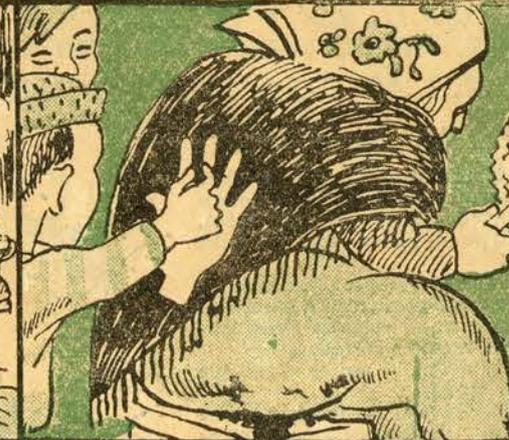
2—Assim que um dos nossos «heróis» lhe acena com a mão espalmada, o carneiro recua, arrebita as orelhas, prepara o avanço e investe, em seguida, marrando como um toiro.



3—Depois de haverem sido colhidos várias vezes, Chico e Toneca resolvem pregar uma partida à velhota das castanhas, que na estrada está sempre a apregoar: — *Quentes e boas!*



4—Depois de haverem recortado, num papel, o contorno dumã mão espalmada, prendem esta, com um alfinete, sorratamente, na parte trazeira do chale da velhota.



5—Pondo o carneiro em posição estratégica, Chico e Toneca aguardam o resultado da partida, o qual se não faz esperar, pois, ao ver a mão espalmada, o carneiro recua e, logo em seguida avança...



6—atirando a velhota em pantanas e fazendo com que se espalhem, no chão, as *quentes e boas*,



7—as quais, acto continuo, passam para as mãos do Chico e Toneca...



8—que se dispõem a comê-las, em local afastado e às escondidas.



9—Mas, como todo o mal que se faz tem o devido castigo,



10—quando menos esperam, estão-lhes na boca, como se tivessem dinamite.



HISTORIA DUM MENINO BOM

— POR —
MARIO COSTA PINTO



UEREM ouvir a história do Zéquinhas e do passarinho? É pequenina, muito simples e um bocadinho comovedora.

Ora oiçam e se, um dia, tiverem ocasião de dar realidade a esta história, aproveitem-na, pois que, com isso, praticarão um lindo gesto que os nobilitará.

Uma tarde, Zéquinhas regressava a casa muito satisfeito, de volta da escola, por ter dado uma boa lição e alcançado, certamente, uma ótima nota.

Estrada fora com a sacola dos livros debaixo do braço, vinha cantarolando uma canção qualquer de que gostava muito mas que me não lembra agora...

A certa altura do caminho, corria um ribeiro que tinha umas margens muito pitorescas e que os passarinhos procuravam sempre, no fim do inverno, para ali passarem a estação calmosa...

Quando Zéquinhas passava neste local, ouviu um piar aflitivo que o im-

pressionou; era, certamente, algum passarinho que sofria ali perto. Onde estaria ele? Aproximou-se do ribeiro e viu que um pardalito, caído do ninho, estava prestes a morrer afogado, levado pela água que corria com certa impetuosidade.

Era doloroso escutar aquele queixume soltado por um ser tão mímo e pequenino.

O coração do Zéquinhas bateu mais forte; tornava-se necessário salvar o passarinho, embora com certo perigo.

Não hesitou. Tirou os sapatos, abandonou a pasta dos livros e, de pernas ao léu, avançou até ao sítio em que o passarinho jazia enregelado e aflito.

Carinhosamente retirou-o da crítica situação em que ele estava, aqueceu-o nas suas mãos e levou-o depois para casa, a-fim-de lhe dar o tratamento de que carecia.

Quando chegou a casa com o passarinho doente, a mãe do menino — que ignorava o que se passara, ia a ralhar-lhe, julgando que o Zéquinhas o roubara de algum ninho, — mas logo se enterneceu quando o filho lhe contou o salvamento que havia realizado, de volta do colégio.



O CESTINHO DA COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS POR ABELHA-MESTRA

Minhas queridas abelhinhas:

Aqui têm lindas coisas para bordar!
Um vasinho de flores, o sol com a sua cara redonda, os cogumelos anões, o passarito a piar e a borboleta voando!

As vossas roupinhas, assim enfeitadas, redobrarão de graça e encanto e também de *muito valor* se forem bordadas por vossas mãozinhas.

Vamos, agora, a ver as cores que devemos aplicar.

Vasinhos de flores. — Por fora o vaso e verde, por dentro encarnado, folhas verdes e flores amarelas.

Sol. — Amarelo, com os olhos, nariz, boca e raios pretos.

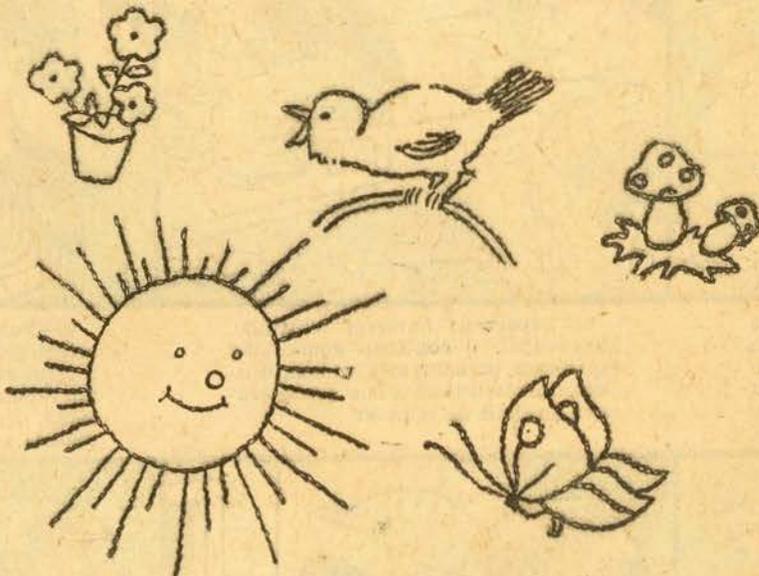
Passarito — Amarelo com o bico, asa, cauda e contorno preto.

Cogumelos. — Chão verde, corpo amarelo e chapéu encarnado com pintas brancas.

Borboleta. — Asas azuis com pintas amarelas e contorno preto.

E agora, para tôdas vai um grande abraço da muito amiguinha

Abelha Mestreira



COLABORAÇÃO INFANTIL

UMA BOA ACCÇÃO

LUIZINHA era uma menina de doze anos de idade, bonita, de grandes olhos negros, em que se reflectiam a sua grande inteligência e força de vontade.

Um dia, Luizinha manifestou o desejo de possuir um relógio.

— «Sim — disse o pai — compro-te um, para o Natal, se alcançares o primeiro lugar na classe.»

Frequentava a menina o segundo ano do liceu, e trabalhava activamente para conseguir uma boa classificação, não só para alcançar o desejado presente, mas, também, para alegria de seus pais e avós, que viriam passar o Natal na sua companhia.

Estudou muitíssimo, chegando mesmo a desprezar passeios e divertimentos, para se consagrar, somente, aos seus livros que constituíam o objecto dos seus cuidados.

Chegou, finalmente, o dia 24 de Dezembro, dia em que as notas deveriam estar afixadas no átrio do liceu.

Para lá se dirigiu a menina, com o coração sobressaltado, mas em breve este receio foi substituído por uma intensa alegria, ao saber que tinha sido a primeira classificada.

Ao regressar a casa, vinha radiante. Pensava na grande felicidade de receber o sonhado relógio, e de ver, no dia de Natal, dia consagrado à família, todos os seus reunidos, e beijar os avózinhas que tanto se enterneciam em face dos seus progressos.

Porém, ao chegar a casa, o seu coraçãozinho sofreu uma forte comoção. A sua grande amiga Elvirinha, dissera-lhe, entre soluços:

— «Sabes?!... A minha pobre mãe está muito doente; torna-se urgente ir chamar o médico e não tenho nem um centavo!»

Luizinha, contristada pela desventura da sua amiga, deita uma vista de olhos em redor, na ânsia de lhe prestar um auxílio...

Nisto, uma idéa luminosa aflorou-lhe ao espirito. Viu em cima da sua secretáriazinha o sobrescrito que continha o dinheiro destinado ao relógio.

Não hesita; pega no sobrescrito e entrega-o à Elvirinha, dizendo:

— «Eu destinava este dinheiro à compra dum relógio que há muito tempo ambicionava mas fico muito mais contente se ele servir para curar a tua boa mãezinha.»

Elvira pegou no dinheiro, trémula de emoção, e as duas crianças abraçaram-se, chorando.

Os pais de Luizinha, que acabavam de entrar, estavam comovidíssimos ao presenciar esta cena.



JULIA DOS ANJOS NOBRE, de 13 anos de idade
Aluna da 3.ª classe do Liceu D. Filipa de Lencastre

ZÉ DISTRAÍDO



I — Dona Pulquéria Vitória, mãe do «herói» desta história, quando a casa regressava, de volta da sua lide, o quico às vezes deixava pendurado no cabide.

II — Ora, uma certa manhã, nosso «herói», em seu afã, saindo com grande pressa, sempre muito distraído, enfiou-o na cabeça, de que era o seu, convencido.

III — E após sair porta fora, já na rua em que éle mora, o nosso «Zé Distraído» segue petulantemente; mas fica surpreendido ao vêr a rir toda a gente.

HISTORIA DUM MENINO BOM

(Continuado da página central)

— «Bonita acção!» — comentou a mãe do Zéquinhas, muito orgulhosa do bom coração do filho.

Dois dias depois, o passarinho estava já restabelecido e — embora tratado com as maiores ternuras — sentia saudade do espaço em que cortara graciosos vãos.

Zéquinhas compreendeu perfeitamente que não devia tornar o passarinho prisioneiro depois de o haver salvo com tanta abnegação e que, para completar com justiça o seu gesto humanitário, se impunha a libertação da avezinha.

Se assim pensou, assim fez.

Abriu a janela do quarto, que ficava sobre um lindo jardim cheio de flores, de sol e em que havia, por todo o lado, um sabor a primavera.

Zéquinhas agarrou no passarinho, deu-lhe um beijo e... largou-o!

Foi um ar que lhe deu!...

Alegre, doido de entusiasmo, batendo as asitas com a ansiedade de subir e voar muito alto, lá foi pelo espaço fora a caminho do campo que tanto adorava. Que delicioso prazer encontrou, por certo, neste vôo!

Mas a história não acabou ainda. O passarinho, muito reconhecido ao seu salvador, vinha, de vez em quando, pousar na janela do quarto do Zéquinhas e saudá-lo com o seu cantar.

Ora vejam, vocês, como esta história pequenina é do vosso agrado! Eu já sabia e foi porisso que a escrevi...

Repito: se tiverem ocasião de dar realidade a esta história, não se esqueçam de imitar o Zéquinhas, pois que os passarinhos sofrem como nós e como nós têm, também, coração! Está compreendido?

E aqui têm, em poucas linhas, a história dum menino bom e dum passarinho.

